

estavam acostumados a aceitá-los senão de amigos e conhecidos; quanto às ameaças, parecia-lhes loucura que as dirigissem sem conhecimento dos meios de defesa. Que em vista disso saíssem imediatamente do lugar, pois não estavam acostumados a levar em consideração os propósitos de gente armada e estranha; e que se não se retirassem fariam com eles o que haviam feito com outros, como o provaram com as cabeças de alguns homens justicados perto da cidade.

Eis um exemplo das promessas dessa infância.

(Montaigne, *Ensaio*, em "O Pensamento Vivo de Montaigne", apresentado por André Gide, págs. 69/72. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo, Martins, 1965. Col. "Biblioteca do Pensamento Vivo", vol. 6.)

*

* * *

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

TANCREDO DO AMARAL (1866 – 1928)

O nome que escolhemos como "vulto da historiografia brasileira" do presente número poderá, à primeira vista, parecer deslocado nesta seção. Não só não se dedicou apenas a historiografia, como, a rigor, não poderia, de fato, ser catalogado como historiador, embora produzisse alguns trabalhos que o estudioso de hoje não poderá deixar de apreciar. Todavia, é principalmente como dos mais esforçados obreiros da causa da instrução pública em nosso Estado que o recordaremos, pois, como tal, empenhou-se denodadamente pelo ensino da história e da geografia de São Paulo em nossas escolas primárias, chegando a escrever livros destinados a esse objetivo. Hoje, quanto se lamenta o profundo desconhecimento por parte dos paulistas, do seu passado, quando nosso Estado é talvez o único de todo o país que não possui em suas escolas cadeiras ou simplesmente cursos destinados a ministrar sua história tão rica de feitos e de ensinamentos, tão preta de civismo e de patriotismo, tão volumosa de participações na vida nacional, é até com emoção que recordamos a figura de um dos pioneiros do paulistanismo em nossa terra.

Tancredo Leite do Amaral Coutinho, literariamente conhecido apenas por Tancredo do Amaral (que é como assinava seus escritos), nasceu em São Paulo a 18 de fevereiro de 1866 e faleceu em São Bernardo (atualmente São Bernardo do Campo) a 23 de julho de 1928. Fez seus estudos primários nos colégios Bentley e Martin, matriculando-se, depois, na Escola Normal da capital, pela qual se formou em 1886. Nessa escola, de tanta significação para a vi-

da paulistana, foi discípulo de Júlio Ribeiro, de Silva Jardim, de Godofredo Furtado e de Monsenhor Passalacqua. Como tal formação e com tais mestres, não poderia deixar de ser republicano. De fato, logo depois de formado, foi designado para uma escola no antigo Salto de Itu (a atual cidade de Salto) e ali fundou um núcleo do Partido Republicano e ainda, o jornal **Correio do Salto**, com a colaboração de Barros Júnior. Redigiu, ainda a **Tribuna Ytuana** e o **Correio de Ytu**, ambos da histórica cidade da Convenção. Retornando a São Paulo, militou na imprensa por mais de quinze anos, especialmente no **Correio Paulistano**, em **A Platéia**, na **Gazeta do Povo**, no antigo **Jornal da Tarde**, secretariando, ainda, **A Nação**, de que era redator-chefe Herculano de Freitas.

Decidindo-se, bem mais tarde, pelos estudos jurídicos, diplomou-se em 1906 pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido promotor público em Capivari e em Batatais e, depois, juiz de direito em Santa Isabel, cargo em que se aposentou. Antes, ainda no tempo de estudante, exercera funções públicas, tendo sido oficial-de-gabinete de Carlos de Campos quanto Secretário de Justiça e de Teodoro de Carvalho na mesma Secretaria e também na da Agricultura. Colaborou com Bernardino de Campos na sua primeira presidência do Estado. Foi inspetor escolar e inspetor-geral do ensino público e diretor do primitivo Gabinete Antropométrico, que se transformou posteriormente no Gabinete de Investigações do Estado. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo teve em Tancredo do Amaral um dos seus fundadores, em 1894.

Para a divulgação da história, da geografia e da literatura paulistas, produziu três livros: **A História de São Paulo ensinada pela biografia dos seus vultos mais notáveis** (Alves, 1895), **O Estado de São Paulo** (Alves, 1896) e **Analectos Paulistas** (Alves, 1896). A **História** foi dedicada a Cesário Mota Júnior, “o mais dedicado propulsor da instrução pública em São Paulo” e a Sílvio Romero, “um dos mais operosos e ilustrados escritores brasileiros” e, ainda, à “memória veneranda” de três historiadores de São Paulo: O Brigadeiro Machado de Oliveira, o Visconde de São Leopoldo e Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, “paulistas notáveis, que legaram um precioso subsídio literário para a história de sua terra”. Trazia prefácio do Cônego Valois de Castro, professor de História do Ginásio do Estado e do curso anexo à Faculdade de Direito. Apresentando o livro, dizia o ilustre sacerdote que, talvez ele não satisfizesse às exigências severas da crítica histórica, mas deveria “atrair a atenção e merecer a simpatia dos que se interessam pela nobre e humanitária idéia de espalhar e fortificar a instrução do povo”. E adiante: “O estilo é simples, como convém a uma obra didática; não tem os atavios exagerados do romantismo nem as apreciações malevolentes do partidarismo cego, que sempre deturpam os caracteres e toda a verdade histórica”. As biografias são dispostas em ordem cronológica e dentro do contexto histórico, após três capítulos de generalidades sobre a terra paulista.

Em **O Estado de São Paulo**, destinado, tal como a **História**, à leitura das classes primárias adiantadas, e dedicado ao “glorioso governo que fez a reforma do ensino público em São Paulo e que espalhou escolas por toda a parte”, teve por intuito, segundo as próprias palavras do autor, “proporcionar à infância paulista um livro que, prestando-se para o exercício de leitura, servisse ao mesmo tempo para enriquecer o espírito dos jovens estudantes, de conhecimentos relativos ao progresso de nosso Estado”. E confessava o autor que “em vez de procurar assuntos estranhos ao nosso meio, ou fazer traduções ou adaptações de contos ou historietas francesas, sem valor prático algum”, preferiu dar-lhes noções sobre o nosso clima, a nossa flora e fauna, o nosso comércio e indústria, a nossa viação férrea, a nossa organização administrativa etc., “educando assim civicamente a criança, que deve conhecer primeiro o Estado, depois a República”.

A seu terceiro livro paulista intitulou Tancredo do Amaral **Analectos Paulistas**, espécie de antologia com quarenta excertos de autores paulistas ou que tiveram alguma vinculação com São Paulo. Foi escrito “para preencher uma lacuna e servir às classes primárias adiantadas não só para os exercícios de leitura e análise, como também para dar a conhecer aos jovens estudantes os nomes mais notáveis na ciência, nas letras e na oratória paulistas”. Talvez tenha sido o pequeno livro de Tancredo do Amaral a primeira antologia paulista organizada e publicada, a revelar o educador responsável, refletido no critério com que os textos foram selecionados. Reúne páginas, em prosa e em verso, de Machado de Oliveira, Gabriel dos Santos, Azevedo Marques, Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, José Bonifácio (os dois: o “Patriarca” e o “Moço”), Ferreira de Menezes, Silva Jardim, Paulo Eiró, Antônio Joaquim Ribas, Francisco Quirino dos Santos, Luiz de Carvalho, Xavier da Silveira, João Tibiriçá Piratininga, Martim Cabral, Barão de Piratininga, Correia de Melo, Júlio Ribeiro, Luiz Barbosa, Visconde de Porto Seguro, Ezequiel Freire, Raul Pompeia, Teófilo Dias, Júlio Riedel, Oscar Horta e Galvão Bueno.

Além dos três livros a que demos destaque, deixou Tancredo do Amaral **O Brasil na Conferência do Haia**, uma pequena biografia do Barão do Rio Branco e uma “plaquette” de dez páginas com um discurso de saudação a Campos Sales, proferido quando de sua volta de Santos aonde fora acompanhar o Presidente Roca em seu embarque para a Argentina. A publicação foi promovida por amigos e admiradores de Campos Sales, “que foram testemunhas do modo feliz pelo qual o Sr. Dr. Tancredo do Amaral o saudou, o que verificaram pelos aplausos entusiásticos de assentimento com que a todo o momento a multidão interrompia o orador”. Tal “plaquette” foi publicada pela Livraria Magalhães, de São Paulo, em 1 907.